19 MAIO 2024



III ANIVERSÁRIO

BIBLIOTECA MAÇÓNICA DO BAIXO MONDEGO

III ANIVERSÁRIO DA BMBM

“a gente procura o livro e o livro procura a gente” [José Mindlin]

A **Biblioteca Maçónica do Baixo Mondego** (BMBM) assinala hoje o seu terceiro aniversário. O três é um número notável, virtuoso, três vezes bendito, harmonioso, figurado pelo triângulo e traçado no simbolismo universal. Como tal e porque *verba volan*t, a **BMBM** não se podia escusar a assinalar o feliz **19 de Maio de 2021**, reconhecido dia onde há três anos, com absoluta discrição, lançámos variadas peças bibliográficas merecedoras da atenção do amante do livre-pensamento. O precioso rol assim elencado cumpre o seu dever: “recolha e livre disponibilização de peças bibliográficas de interesse maçónico, arrolando ao mesmo tempo estudos, trabalhos e problemáticas tendo como especial referência os meios de cultura e a gente do Baixo Mondego”. A **BMBM** continuará a espalhar a Luz a todos, certo que “***os livros têm seu próprio destin***o”. **Vale**.

[Os Bibliotecários]



MOSTEIROS, LIVRARIAS & MAÇONARIA (BREVE)

"De manhã todos fiquem em silêncio no claustro ou recitando ou cantando; se acaso for leigo e não souber fazer nem uma coisa nem outra, mantenha o livro diante de si e diga a oração dominical e quantas vezes a acabar, tanto volte ao fólio"

Liber Ordinis. Costumeiro de Santa Cruz de Coimbra, cap. 68

A memória literária até ao advento da tipografia tem na sua base uma comunicação assente na prática de leituras em voz alta. A letra e a voz, ou se quisermos a "ordem e a conexão das coisas" [**Espinosa**], assumidamente de ordem monasterial, conduziu o sujeito, do sopro do murmúrio exterior ao silêncio intimista e à meditação solitária da leitura, libertando-o e diversificando a sua pática. Da oralidade ao silêncio, a que acresce o processo de aceleração da produção de livros pela revolução de Gutenberg, vai-se rasgando modelos de leitura e deslocamo-nos para o exterior dos conventos no período da ilustração.

Isto é, dos copistas dos scriptoria monásticos passou-se, a partir do século XV, à "privatização da leitura", uma leitura que irá modificar todo o universo do trabalho intelectual, tipográfico e editorial. A produção de um maior número de exemplares, como resultado das máquinas de impressão feitas com tipos móveis, possibilitou uma relação individual com o livro, agora manuseado sem reserva de leitura, mesmo se "a boa leitura" tinha de estar autorizada pelo parecer prévio dos censores régios.



De modo geral, esse "ler sozinho" ou "em segredo" permitiu - no dizer de prosélitos contra-revolucionários - que textos ditos heréticos, ímpios, ociosos e de libertinagem, circulassem livremente, conspirando para derrubar o trono e o altar. Tenha-se em conta aos dizeres do padre corcundático **José Agostinho de Macedo**, que na sua sermonária anti-liberal vitupera a "execranda seita dos pedreiros-livres", afirmando que espalhou no país, pelas lojas de livreiros, nos clubes e associações secretas, sistemas de filosofismo, de Igualdade e Liberdade, isto é uma rede conspiratória de rebelião contra o trono e o altar. O iracundo "padre lagosta" não estava certo no que afirmava, nem compreendia (como podia?) as profundas mudanças que se estavam a verificar perante o azedume do seu olhar às Luzes do século.

De facto, as livrarias monásticas, ricas e apetrechadas, eram frequentadas por frades e eclesiásticos, mas também estavam abertas aos nobres e burgueses, à elite ilustrada que ali ocorria, formando-se tertúlias animadas que debatiam as "artes liberais". Esses núcleos de letrados formaram-se, principalmente, no *scriptorium* do rico e opulento **Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça** (beneditino), no **Mosteiro beneditino de Tibães** (1701), em **S. Vicente de For**a (agostiniano), no **Mosteiro de Santa Cruz de Coimbr**a (agostiniano) ou a **Casa da Livraria do Convento de Mafra**, essa "Jerusalém Celeste", ou até mesmo na Livraria privativa do **Colégio Real dos Nobres** (aberto em 19 de Março de 1766, sob tutela do reitor **Ricardo Raimundo Nogueira**), destinado á nobreza da Corte e que, aliás, possuía um acervo valioso, talvez proveniente da **Companhia de Jesus**. Não por acaso houve uma crescente preocupação política por essas bibliotecas, visível no número de inventários produzidos, pela legislação e pelos regulamentos publicados, antes mesmo do desmembramento final do seu património.

Por sua vez, o aparecimento de **livrarias particulares** (como de **Frei Manuel do Cenáculo**, a do **Cardeal Saraiva**, a do **bispo Magalhães e Avelar**, de **D. José da Silva Pessanha**, do **Duque de Abrantes**, de **Bernardo José de Abrantes e Castro**, do **Marquês de Marialva**, a dos **Marquezes de Castello Melhor**, do **Conde de Samodães**, etc.) ou os **gabinetes de leituras** que se iam formando, fugindo à vigilância da Intendência da Polícia, prosperavam pelas principais localidades, como em **Valença do Minho** (José Anastácio da Cunha), Lamego (Agostinho José Freire), em **Coimbr**a (Sociedade dos Amigos das Letras, em torno de Simão de Cordes Brandão ou, de novo, José Anastácio da Cunha), em **Lisboa** (Casa do Risco, onde tutelava José Bonifácio de Andrada e Silva) e deixavam "marcas" na conceptualização de "ideias avançadas".

Os **impressores** e **livreiros** moviam-se cautelosamente entre as licenças necessárias e as obras editadas clandestinas ou até proibidas, estas em circuito fechado. Em **Coimbra**, os mercadores de livros abundavam: em 1613 estão identificados 17; em 1765 existiam 20; em 1884, apenas 8; e no começo do séc. XIX existiam 18 livrarias. Alguns livreiros foram, por diferentes razões, importantes: **João Pedro Aillaud**, o liberal francês **Jacques Orcel** ou a loja do antigo empregado da livraria Aillaud, **António Lourenço Coelho**, liberal que "andou homiziado" até 1834 [ver, **José Pinto Loureiro**, *Livreiros e Livrarias de Coimbra*].

Em **Coimbra**, o **Mosteiro de Santa Cruz** possuía boa tipografia desde 1530 a 1577, ano este em que **D. Sebastião** a mandou transferir para o **Mosteiro de S. Vicente de Fora**, só regressando os prelos a Coimbra no ano de 1757, para a instalação da ***Academia Litúrgica***. A primitiva oficina tipográfica (1530) do Mosteiro, que teve o protetorado de **D. João III**, revela uma curiosa atividade, após o recrutamento para o ensino e formação da arte tipográfica do impressor francês **German Gaillard** ou **Germão Galharde** (tipógrafo que antes se tinha estabelecido em Lisboa, em 1519, utilizando os antigos prelos da oficina de **Valentim Fernandes**), confirmada com a impressão de diferentes obras espirituais (até 1563 imprimiram-se 21 obras), enviadas depois para as outras casas dos agostinianos.

O ***scriptorium crúzio***, em **Coimbra** ou em **S. Vicente de Fora**, era composto por um bom espólio bibliográfico que, nos séculos XVII e XVIII, formavam livrarias preciosas no espaço monasterial. Os catálogos (muito incompletos) permite-nos ter uma visão do acervo dos seus códices, pergaminhos, manuscritos, livros impressos e da abundância de peças bibliográficas de outros centros religiosos espalhados pela Europa. As "leituras claustrais" e as suas bibliotecas são uma evidente expressão de um espaço civilizacional, de uma cultura letrada, difundindo valores humanizados e que mais tarde originaram uma cultura de leitura, prenhe de ativismos e contrapoderes, uma espécie de oficinas de iluminismo. De facto, o ***Escolasticismo*** das escolas monásticas paira entre a fé e a razão, mas a partir do séc. XVIII a nova filosofia do iluminismo floresce e coloca-lhe um fim. A razão, a liberdade e o progresso" são valores da nova ilustração das Luzes da modernidade, conduzindo ao emergir do "espaço público".

A partir do **Regimento Inquisitorial de 1774**, fruto do ímpeto secularizador pombalino de modernização do país, o filosofismo "irreligioso" presente em leituras sediciosas e "funestas" provenientes do ideário iluminista, muitas delas abraçadas pelo maçonismo crescente, ainda que sofrendo perseguições e punições da alçada da Inquisição, não evita o envolvimento de uma elite letrada que se vai desenvolvendo á margem do poder (**Universidade**, p. expl.) e que inclui a "explosão da sociabilidade" do final do século XVIII e, entre ela, no discurso entre a **tradição** e a **modernidade**, sem dúvida a **sociabilidade maçónica** ilustrada, decerto a mais bem estruturada desse tempo.

Esta nova sociabilidade configura o tempo histórico da modernidade, corrói lentamente o Estado Absolutista, constrói o espaço especulativo pela "crítica ilustrada", o uso de novos conceitos e de uma nova linguagem, lança o constitucionalismo, a educação laica, a transformação do Estado num "instrumento para o povo" (**Lessing**), isto é, tomando "consciência da própria modernidade" (**Reinhart Koselleck**).

Bibliotecário Borges Grainha



Quando agarrando o Hippolyto espiolha
Da Confraria Pedreiral as opas,
Vestimenta, avantal, luvas e trolha,
Ou tralhoada das visagens pêcas,
Que em Lojas treze sustentou Lisboa
Co'a Loja mãe no pedreiral Mosteiro
Dos *exemplares* Conegos Regrantes.

in, José Agostinho de Macedo, os Burros ou o Reinado da Sandice, 1827, p. 34



O BIBLIOTECÁRIO



Á memória de D. Pedro da Encarnação, Bibliotecário de Santa Cruz
na segunda metade do século XVIII

Nem sempre os bibliotecários foram figuras de "extraordinário relevo"[1], como o crúzio a quem dedicamos este ensaio – **D. PEDRO DA ENCARNAÇÃO** [2]. Nem sempre estes homens foram os diligentes guardiões do saber ancestral, quer pacientemente copiado nos primeiros séculos do scriptorium quer nos que se seguiram à invenção da (im)prensa primordial. Em nome dos livros, das livrarias e bibliotecas têm os homens escrito outras tantas histórias dignas de outros tantos livros.

1- Vejamos o curioso caso do **1º Conde de Mafra** [3], relatado pelo memorialista "… para livrar D. Lourenço de Lima de ir apodrecer em uma prisão em consequência de seus calotes, o Conde de Palmela, então ministro diplomático ali [4], criou um lugar novo na embaixada, nomeando-o bibliotecário dela."[5] Assim, a coberto dos muitos credores, evitou ser preso em Londres e enxovalhar o nome de Portugal.

2- Ser **bibliotecário em S. Vicente de Fora** (dos muros de Lisboa) não era coisa menor, pois induzia procura por gente de certa ilustração, propiciando relações socialmente estimulantes, tanto mais sendo a livraria uma das mais ricas e nomeadas, com entradas diárias de exemplares nacionais e estrangeiros, provindos directamente dos livreiros e sem necessidade de passarem por qualquer crivo censor.

3- Aqui se conhecem os sábios e os emissários dos poderosos que sempre gostam de se rodear de sábios. Lembremos o caso de **Étienne Geoffroy Saint-Hilaire**, visita repetida da **livraria de S. Vicente** durante a primeira invasão napoleónica que, apesar da intenção inicial de fazer mudar de proprietário uma importante fatia desta colecção de livros, pergaminhos e incunábulos, acabou por se retirar para França sem um único exemplar, por vontade própria. Porquê? É certo que já levava os "bolsos cheios" com as colecções que ainda hoje se exibem no **Museu de História Natural de Paris**, mas a acção dissuasora do seu anfitrião, que o recebeu como bibliotecário substituto, retirou a **Saint-Hilaire** o ímpeto cleptocrático do ocupante.

4- Que dizer de um mosteiro que tem uma livraria miserável, como seria o caso de **Refóios do Lima** nos anos finais do século XVIII? Se é verdade que a **Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho** tinha tradicionalmente excelentes e grandiosas bibliotecas (**Santa Cruz**, **Mafra**, **S. Vicente**), era pois confrangedor ver o número e a qualidade dos livros que mal ocupavam as estantes e caixas em **Santa Maria de Refóios do Lima**, a ponto de um dos seus ocupantes começar a achar a vida insuportável, ficar doente "atacado de muita frouxidão e languidez", encontrando apenas tratamento eficaz nas águas frescas do Lima e nos banhos de mar em Viana do Castelo. A ausência de um bibliotecário ou os seus parcos meios, é por demais evidente e demonstrativa.[6]

5- Ser **bibliotecário** é também estar exposto e susceptível às investidas, às vezes as mais ardilosas. Ser guardião de livros e documentos pode ser uma atracção para polícias e espiões, um pretexto para visitar e comunicar e daí algo querer levar a outrem. Assim actuou **José Agostinho de Macedo**, conspícuo inimigo de **D. José do Loreto** (**José Liberato**), insinuando-se no território crúzio de **S. Vicente de Fora** e à conversa com o próprio, através do estratagema da visita à sua biblioteca. Não lhe adveio daí nenhuma vantagem pois, sendo pública a biblioteca, **José** o remeteu para um "criado inteligente" que o receberia e lhe cederia os volumes que desejasse consultar.

6- É verdade que uma biblioteca reflete algo, por vezes muito, do seu proprietário. Na primeira década de oitocentos a **biblioteca de Santa Cruz** abundava em "livros de teologia, santos padres, velhas histórias, bíblias de todos os tamanhos" mas, ao que se apura pelas ***Memórias da Vida de José Liberato***, muito parca em "clássicos latinos e os seus melhores comentadores"[7].

A **Coimbra** beata e conservadora, religiosa e empedernida, apesar da reforma pombalina não tinha alastrado a todos os seus colégios a frescura de novos ares da modernidade. Foi necessário recorrer a outra livraria “excelente e escolhida”, a do **Colégio dos Militares** [8] [9].



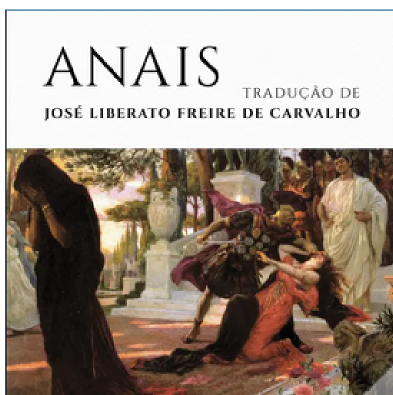
7- “…livraria, na porta da qual estará fixada uma excomunhão contra qualquer colegial, que tirar livro dela, ou der consentimento a isso, ou levar estudante de fora à dita livraria, sem licença do reitor”. O hábito, por vezes apenas a tentação de apropriação de um exemplar de um colectivo imenso foi constatado e contrariado, com êxito variável, por vários bibliotecários. A ameaça de excomunhão, na tentativa de evitar esta “migração clandestina”, levava os bibliotecários, como **D. Pedro da Encarnação**, igualmente a colar, no início dos livros mais em risco, a cópia do Breve Pontifício cominatório.

8- Nos Colégios da Ordens Religiosas e universitários a presidência a actos literários ou a conclusões oratórias era entregue ao colegial "pessoa de mais letras, curiosidade e suficiência"[10] que houvesse na comunidade e este teria também a seu cargo a **Livraria do Colégio**. Por aqui se avalia quão importante era o ofício de **Bibliotecário** e como antigo é esse reconhecimento.

9- Para enfatizar que a vida de uma livraria não é uma constante de crescimento e não tem a estática de uma coluna. Antes flutua e oscila, cresce e diminui, pode até desaparecer, dividir-se ou renascer. Organizar e conservar mas também manter-se. Adaptar-se.

[1] Nas palavras de Rocha Madahil, em 1937.
[2] D. Pedro da Encarnação, nasceu em Lisboa em 18 de Janeiro de 1729, tomou o hábito em 1743, foi investido em bibliotecário de Santa Cruz em 1748, tendo realizado a catalogação da livraria a partir de uma ordem do Marquês de Pombal em 1769; destacado em Angola, depois Recife e Olinda, regressou a Coimbra de novo em 1783, reencaminhado como bibliotecário, cantor-mor e compositor, falecendo em 1802.
[3] D. Lourenço José Xavier de Lima (Lisboa, 1767 - 1839), integrava o “grupo dos fidalgos” em S. Vicente de Fora, com o Conde do Lavradio e o Marquês de Penalva; membro do “partido francês”, foi embaixador de Portugal em França durante a Guerra Peninsular e a transferência da corte para o Brasil (1804-1807), tendo sido agraciado como primeiro conde de Mafra em 1836 por D. Maria II.
[4] Em Londres
[5] *Memórias da Vida de José Liberato Freire de Carvalho*, 1855
[6] Com alegria verificámos que em 1834 era possuidor de vinte e um maços de “O INVESTIGADOR PORTUGUES”. Ver pág 35 do *Tesllado dos Objectos pertencentes a primeira Classe dos Bens pertencentes ao Extinto Mosteiro de Refojos em que se achão descriptos no Inventario delle*
[7] Tratava-se de buscar apoio na tradução que encetara de OS ANAIS, de Cornélio Tácito.
[8] Para o que se valeu do seu antigo conhecido, o lente António Pinheiro de Azevedo, mais tarde reitor da Universidade.
[9] Este colégio foi totalmente demolido para dar lugar à Praça D. Dinis e à Faculdade de Matemática.
[10] *Estatutos do Colégio das Ordens Militares de Sant'Iago da Espada e de S. Bento de Aviz*, confirmados pela Carta Régia de 15 de Outubro de 1615.

Bibliotecário Leonardo







BIBLIOTECA MAÇÓNICA DO BAIXO MONDEGO

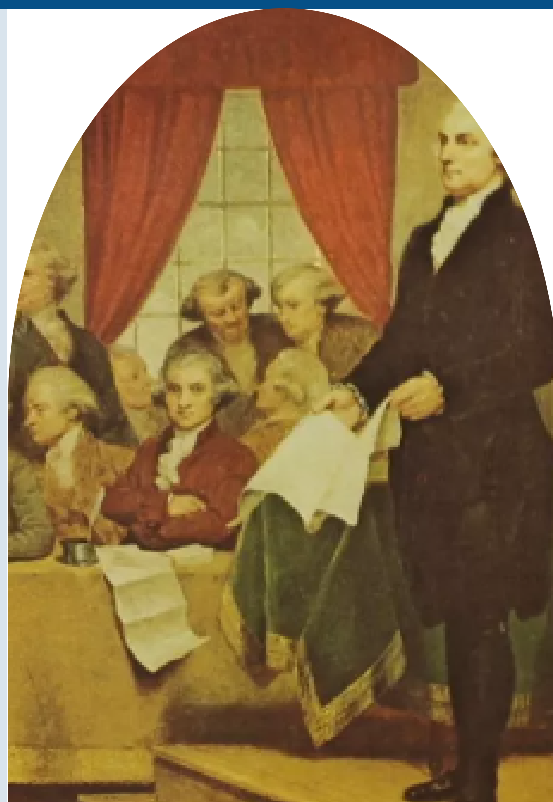
Membro archive.org

habent sua fata libelli (“os livros têm seu próprio destino”)

A Biblioteca Maçónica do Baixo Mondego (BMBM) pretende ser uma recolha e livre disponibilização de peças bibliográficas de interesse maçónico, arrolando ao mesmo tempo estudos, trabalhos e problemáticas tendo como especial referência os meios de cultura e a gente do Baixo Mondego. Isto é, pretende a BMBM constituir um estimado acervo maçónico mas também aspira alcançar aquelas áreas do conhecimento que lhe são tributárias - da filosofia ao esoterismo, da alquimia ao hermetismo, da história à religião, da literatura ao direito, da cultura ao recreio, da música ao desporto - e merecedoras de atenção do amante do livre-pensamento. Vale!

Vale do Mondego, 19 de Maio de 2021
bibliomaconica@gmail.com

https://archive.org/details/@biblioteca_ma_nica_do_baixo_mondego



Foi este número Comemorativo do III Aniversário da Biblioteca Maçónica do Baixo Mondego composto & impresso no scriptorium da Tipografia BMBM, ao Vale do Mondego, aos 19 dias do mês de Maio, do ano da Graça de 2024, com todas as licenças necessárias. Um agradecimento especial a todos os talhadores da pedra.